

DORNELES, Priscila Gomes; WENETZ, Ileana; SCHWENGBER, Maria Simone Vione. (Org.). **Educação física e gênero: desafios educacionais**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2013

**João Paulo Fernandes Soares**

Universidade Federal de Juiz de Fora, Governador Valadares, Minas Gerais, Brasil

**Ludmila Mourão**

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil

**Igor Chagas Monteiro**

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil

O livro “Educação Física e Gênero: desafios educacionais”, organizado por Priscila Gomes Dorneles, Ileana Wenez e Maria Simone Vione Schwengber, apresenta-se como relevante referência, por ser composto de textos que buscam articular os estudos de gênero e o campo da Educação Física, a partir das práticas corporais esportivas e de lazer. A obra reúne pesquisadoras/es que, a partir de seus olhares e posições epistemológicas e teóricas, contribuem para a ampliação dos debates sobre os processos normativos de gênero nas práticas corporais, problematizando os “mecanismos e estratégias que fazem da Educação Física desenvolvida na escola e fora dela um campo que, ao mesmo tempo em que produz, hierarquiza e naturaliza corpos, imprimindo-lhes marcas de gênero e sexualidade” (p.10).

O livro foi estruturado em três partes temáticas, sob as quais são reunidos os 14 capítulos da obra. Tais partes congregam textos ligados às dimensões epistemológicas e políticas da categoria “gênero” e suas apropriações no campo acadêmico e profissional da Educação Física; pesquisas empíricas voltadas para as pedagogias de gênero no ambiente escolar; e as relações de gênero nos esportes e em outras práticas corporais.

No primeiro capítulo, Silvana Vilodre Goellner descreve a relevância do conceito de gênero na produção acadêmica em ciências humanas e sociais ligadas aos movimentos feministas, bem como seus reflexos no campo acadêmico e profissional da Educação Física. Segundo a autora, o conceito de gênero, ao evidenciar os aspectos culturais das construções discursivas sobre os gêneros nas práticas corporais e esportivas, possibilita reflexões sobre estereótipos, hierarquizações e discriminações sociais. A autora finaliza destacando as possibilidades teóricas que o conceito de gênero abre nas pesquisas no campo da educação física em espaços formais ou informais de educação.

O segundo capítulo, das autoras Paula Silva e Paula Botelho Gomes, investiga as nuances presentes na tríade gênero, corpo e desporto e identifica como os modos de construção de masculinidades vão se inscrevendo em cada sujeito. A partir de um breve resgate histórico do conceito de masculinidade hegemônica, as autoras trazem a emergência de uma visão plural sobre as masculinidades na contemporaneidade. Nesse sentido, as autoras apontam, como desafio, investigar masculinidades no desporto, a partir da constatação do número reduzido de estudos sobre tal temática e da necessidade de repensar as abordagens teóricas até então utilizadas, as quais, em certa medida, dão essência a uma masculinidade hegemônica e reduzem as possibilidades reflexivas e analíticas da categoria.

O capítulo seguinte, de Fernando Pocahy, busca – a partir de uma visão genealógica do conceito de interseccionalidade – apresentar as continuidades, descontinuidades e relevância dessa categoria na trajetória dos feminismos. Dessa forma, faz-se necessário compreender as regulações socioculturais das subjetividades a partir dos agenciamentos discursivos que constroem materialidades de raça/etnia, classe, gênero, sexualidade, entre outros marcadores identitários. O autor aponta ainda o panorama atual da utilização desse conceito nos estudos pós-estruturalistas de gênero, orientados pela complexidade identitária dos sujeitos e pela interseccionalidade em seus modos de subjetivação.

A segunda parte do livro, dedicada aos fazeres profissionais escolares, é inaugurada pelo texto de Aline da Silva Nicolino e Ana Márcia Silva; fruto de uma pesquisa empírica com um grupo de gestoras/es e educadoras/es, visa “conhecer percepções de corpo e gênero, de educadoras/es e, construir novos conhecimentos que possam desdobrar em alternativas pedagógicas bem sucedidas” (p. 91). O material empírico apresentado revela aspectos singulares das construções discursivas de gênero no ambiente escolar, realizadas pelos docentes envolvidos no processo educacional, demonstrando o quão relevante se apresenta o processo de reflexão e desnaturalização realizado nas formações continuadas dos docentes.

O capítulo seguinte, de Maria do Carmo Saraiva e Neusa Dendena Kleinubing, tem como reflexão as experiências das danças em aulas de educação física e os sentidos e significados atribuídos pelos jovens nas vivências dessa prática corporal. O texto aponta um intenso processo de policiamento das condutas realizado pelo grupo na vivência da dança, em que a identidade de gênero fica em suspeição sempre que as condutas fogem de um padrão previamente estabelecido pelo grupo. Inúmeras estratégias de resistência a esses mecanismos são apontadas e abrem possibilidades para refletir sobre os processos de negação e ressignificação realizados pelos sujeitos em suas vivências corporais.

O texto de Luciene Neves se propõe a discutir os atravessamentos de gênero e sexualidade na formação inicial de professores/as de educação física, a partir de dados levantados em um curso de licenciatura. A autora discorre sobre a relevância de tais temáticas na formação docente e os distanciamentos que ainda ocorrem nos processos de apropriação dessas discussões pelos alunos e docentes dos cursos de formação de professores.

O próximo capítulo, de autoria de Michelle Rodrigues Ferraz Ramos e Fabiano Pries Devede, traz inúmeras reflexões sobre as relações entre os conteúdos trabalhados em aulas de Educação Física e as identidades de gênero construídas nesses espaços educacionais, a partir da compreensão das representações docentes sobre essas temáticas. A partir da exposição de inúmeros dados empíricos, os autores convidam a refletir sobre os mecanismos pelos quais a prática docente, no contexto estudado, tende a reproduzir binarismos de gênero, amplamente difundidos na sociedade, a partir da associação linear dos conteúdos trabalhados a determinado gênero, em um processo de essência dos sujeitos.

Em seguida, o texto de Ileana Wenez convida o leitor a refletir sobre os modos como as crianças classificam os brinquedos e brincadeiras no contexto escolar e a eles atribuem significados. A autora nos traz que gênero e sexualidade operam no contexto escolar, sobrepondo e se articulando nas brincadeiras infantis. A partir da análise das brincadeiras com bonecas, o texto aponta para um processo de borramento de fronteiras entre os gêneros, em que meninos, por inúmeras vezes, subvertem os padrões de gênero e sexualidade construídos. Assim, atentar para essas construções discursivas nas instituições escolares abre possibilidades para subversões de padrões dicotômicos de gênero estabelecidos.

No capítulo seguinte, Priscila Gomes Dornelles reflete sobre os processos normativos de gênero e sexualidade presentes na educação física escolar, apresentando, através das narrativas de docentes, os modos pelos quais discursos heteronormativos dicotomizam os espaços escolares, restringindo e contingenciando os modos de apropriação e vivência dos movimentos e práticas corporais pelos sujeitos nesse espaço escolar. A autora finaliza expondo a po-

tência de se visibilizarem os intentos ontológicos dessas experiências normativas de saber poder, no questionamento das produções discursivas que tendem a conceber as culturas, os sujeitos, seus gêneros e sexualidades, de formas naturalizadas, binárias, fixas e excludentes.

A terceira parte do livro é iniciada com o texto de Thaís Rodrigues de Almeida, que busca refletir sobre a temática das mulheres no esporte, especificamente sobre mulheres praticantes de *rugby*, os discursos relativos ao corpo, gênero e sexualidade, produzidos e difundidos em um clube esportivo. A autora aponta inúmeros rituais de passagem pelos quais as atletas de *rugby* se submetem para se inserirem nesse espaço cultural. A constante suspeição de suas sexualidades faz parte dos mecanismos discursivos de interdição construídos nesse espaço, em que tais atletas constroem suas participações e protagonismos a partir de adequações e resistências a tais produções discursivas.

O texto de Angelita Alice Jaeger problematiza os discursos e representações construídas em torno da potencialização muscular feminina nos esportes. A autora traz um resgate histórico de como os corpos volumosos e fortes dessas mulheres vêm “repulsando” e “fascinando”, onde quer que sejam exibidos. Especificamente no fisiculturismo, inúmeras normatizações foram criadas para “dosar” a potencialização muscular desses corpos, na busca de imagens que seriam consumidas pelo público do esporte. Fora do contexto esportivo, tais corpos inquietam, misturam e rasuram algumas representações produzidas sobre o feminino, evidenciando a “impossibilidade em negar que o esporte generifica os corpos, mas, ao mesmo tempo, os corpos também generificam o esporte em um via de mão dupla” (p. 286).

Em seguida, o texto de Viviane Teixeira Silveira e Alexandre Fernandez Vaz debate as relações entre doping, corpo e sexualidade de mulheres atletas, e desses conceitos com os discursos generificantes presentes no esporte. Os autores expõem as construções discursivas sobre o *doping* da atleta de natação Rebeca Gusmão, demonstrando como o uso de substâncias proibidas relaciona-se com discursos sobre o corpo e sexualidade de mulheres atletas. Os autores apontam para uma “perturbação” que os corpos dopados, volumosos e potencializados dessas atletas realizam nos discursos institucionais, apoiados em uma matriz heteronormativa de corpo e sexualidade.

O capítulo seguinte, de José Geraldo Soares Damico, busca refletir sobre as formas de gestão das condutas adotadas pelo Estado, através dos discursos de gênero, corpo e sexualidade presentes nas políticas públicas para jovens de classes populares. O autor aponta que toda política social produz determinados efeitos de verdade, posicionamento sujeitos como mulheres e homens, naturalizando suas condutas e policiando seus corpos.

Enfim, o texto de Maria Simone Vione Schwengber problematiza os processos de generificação das práticas corporais pelos discursos midiáticos e as possibilidades do trabalho com tais processos nas aulas de educação física, a partir de uma visão crítica e problematizadora das temáticas e dos conteúdos trabalhados pelos/as docentes.

A partir da exposição das temáticas apresentadas nos textos dos capítulos, essa obra assume destaque à medida que faz emergir promissores debates sobre gênero e sexualidade e Educação Física, ampliando os olhares epistemológicos e políticos sobre as temáticas apresentadas. Tal obra oferece, ao público interessado nos estudos de gênero e sexualidade no campo da Educação Física e dos esportes, relevante material bibliográfico e se apresenta como referência indispensável para o campo acadêmico e profissional da Educação Física brasileira.

Recebido em: 14/06/2015  
Revisado em: 31/08/2015  
Aprovado em: 19/01/2016

Endereço para correspondência:  
[joapaulosoaresufjf@gmail.com](mailto:joapaulosoaresufjf@gmail.com)  
João Paulo Fernandes Soares  
Universidade Federal de Juiz de Fora  
Departamento de Educação Física UFJF/Campus GV.  
Rua Israel Pinheiro - até 2625/2626  
São Pedro, 35020220  
Governador Valadares, MG - Brasil